



1

*Renato Ortiz: um pensador da mídia**

Renato Ortiz: a media thinker

Mônica Rugai Bastos**

* Recebido em: 10.02.2019.
Aprovado em: 21.05.2019

** Professora da Fundação Armando
Alvares Penteadó (FAAP). Email:
mrugaibastos@gmail.com

Resumo: Artigo de cunho memorial sobre a importância do pensamento de Renato Ortiz em estudos a respeito da identidade no Brasil e sua influência na trajetória da autora. Considera, principalmente, as obras *Telenovela: história e produção* (escrito com José Mário Ortiz Ramos e Silvia Helena Simões Borelli), de 1989; *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*, de 1988; e *Cultura e modernidade*, de 1991.

Palavras-chave: Cultura; Identidade; Comunicação; Brasil.

Abstract: Memorial article on the importance of Renato Ortiz's thought in studies about identity in Brazil and its influence on the author's trajectory. It mainly considers the works *Telenovela: history and production* (written with José Mário Ortiz Ramos and Silvia Helena Simões Borelli), from 1989; *The modern Brazilian tradition: Brazilian culture and cultural industry*, from 1988; and *Culture and modernity*, 1991.

Keywords: Culture; Identity; Communication; Brazil.



Renato Ortiz é, no meu caso, aquele que desencadeou uma série de reflexões a respeito da Comunicação. Graças à sua influência, a reunião entre a Sociologia e a mídia fez mais sentido. Minha formação é em Ciências Sociais e em Jornalismo. Quando decidi fazer Mestrado, foi José Mário Ortiz Ramos, meu querido e saudoso professor, na época na PUC, quem me indicou a orientação de Renato Ortiz. Já em conversas iniciais, me ajudou a fazer a escolha do meu objeto: o estudo da chanchada, um gênero um tanto negligenciado do cinema nacional. Isso porque ele mesmo vinha estudando a telenovela, outro tema bastante desprestigiado pelos estudos acadêmicos.

Por isso, é evidente sua presença intelectual em meu percurso acadêmico. Três obras foram importantes naquele momento: *Telenovela: história e produção* (escrito com José Mário Ortiz Ramos e Silvia Helena Simões Borelli); *A moderna tradição brasileira*; e *Cultura e modernidade*. São fundamentais para o entendimento da produção cultural brasileira. Ele afirma que “a discussão sobre a cultura sempre foi entre nós uma forma de se tomar consciência de nosso destino” (1988, p.7). Penso exatamente da mesma forma.

Em suas obras, o autor chama a atenção para um país no qual a modernidade não tinha se concretizado completamente. Pelo menos nas premissas consideradas modernas no entendimento de vários autores. Mas, mais importante do que isso, tinha elementos da tradição da discussão entre cultura popular e cultura brasileira

relacionadas à identidade cuja compreensão era fundamental. Não mostrou a complexidade brasileira a partir da contraposição ou dos antagonismos, mas percebendo a complementaridade entre as várias representações do moderno. Assim, sua análise acaba por delinear um país completamente singular, que se aproxima e se afasta dos chamados países centrais em termos de desenvolvimento do projeto moderno. A busca pelo moderno, inclusive, faz parte da história do país, segundo ele, assim como a discussão sobre a cultura, anteriormente assinalada. Por isso, ao mencionar cada uma dessas obras é importante apontar o que há de original em suas propostas.

Na própria introdução à obra *Telenovela*, Ortiz chama a atenção para o fato de que, até então, havia pouca reflexão sobre o gênero no país (ORTIZ, BORELLI, RAMOS, 1989, p. 7). Havia estudos sobre a linguagem, sobre o público, mas não sobre a produção. A ideia de uma “indústria” de produção de dramaturgia na televisão, com padrões específicos e grandes investimentos não tinha sido bem explorada até então. Inegável que, após a publicação do livro, em 1989, vários outros estudiosos passaram a trabalhar a temática. Alguns grupos de estudos sobre dramaturgia na televisão foram formados, com vasta e importante produção.

Por vários motivos, a intelectualidade brasileira não se debruçara sobre a produção da chamada indústria cultural. Dedicou-se ao entendimento da cultura popular, que ficou associada à questão da identidade nacional. O autor demonstra que há uma



construção simbólica em torno da “autenticidade” da cultura popular e da identidade.

Há originalidade da proposta do livro sobre telenovela. Primeiramente, por estudar uma temática esquecida pela academia, Ortiz faz um relevante levantamento sobre a evolução histórica da telenovela, passando brevemente pelo folhetim e por romances populares, tanto em países europeus, quanto no Brasil. Depois mostra a transformação do folhetim seriado para as novelas de rádio, primeiramente nos Estados Unidos e em alguns países da América Latina, fazendo um balanço das produções. A temática do folhetim e seu aspecto mercadológico foi retomado em *Cultura e modernidade*. Ali, a tensão entre aqueles que eram considerados como produtores de literatura e os que se dedicavam à produção para o mercado, para a massa. As discussões sobre cultura ganham outros aspectos a partir da possibilidade de separação entre o artista e o artesão, conforme Raymond Williams (2011) aponta, e, posteriormente, do artista e daquele que produz para o grande público.

Em *Telenovela: história e produção*, Ortiz menciona a importância de se entender a construção de campos de produção simbólica (1989, p. 157) nos diversos setores da produção brasileira. Há ali a sugestão de incorporação das ideias de Bourdieu (1989) para caracterizar as diversas lutas nos campos de produção intelectual e artística no país. Em *A moderna tradição brasileira*, já há apontamentos sobre a modificação da produção da cultura e as

tensões a partir da autonomização do campo artístico e da conseqüente oposição entre a esfera de produção restrita na qual se inseriam os que reivindicavam certa autonomia estética e a esfera de produção em larga escala para responder à demanda do grande público.

O estudo sobre a tensão entre a crítica e a produção cultural é essencial para perceber o quanto a realidade do país se afasta do planejamento governamental e das concepções de certa elite intelectual. Esta tensão também é percebida na obra *Telenovela: história e produção*. Ali, graças a um estudo de campo, repleto de entrevistas com profissionais do setor, os autores verificam a existência de certa “mágoa” de diretores, autores e atores com relação à crítica. A quantidade de sequências realizadas em um dia de trabalho, a produção em série e industrial não permite a excelência.

Nesse sentido, o século XIX é um período fundamental para a criação e disseminação de tecnologias que permitem a produção em larga escala e de estruturas que permitem a comunicação de massa. Graças a elas os produtos se modificam e, mais que isso, podem chegar mais longe e a mais pessoas. Inicialmente essas inovações não estavam disponíveis no Brasil. Então, Ortiz dirigiu seu olhar para o cotidiano de Paris em *Cultura e modernidade* (1991). Ali, percebe a incorporação das tecnologias e seus efeitos diretos e indiretos na vida e no consumo da população. Isso também revoluciona a maneira como a cultura passa a ser produzida,



disseminada e percebida. Primeiramente isso ocorre na Europa e nos Estados Unidos, mas tais formatos chegam também por aqui.

No Brasil, a radionovela chega no início dos anos 40. Em *Telenovela: história e produção*, Ortiz analisa os gêneros e os patrocinadores, bem como apresenta a quantidade de novelas e capítulos. A partir disso, começa a mostrar a necessidade de criação de equipes de produção. A passagem para a televisão significou a adaptação do formato de produção para um outro veículo que, além de sons, emitia imagens. O autor mostra as dificuldades enfrentadas, inclusive pelos atores. Muitos anos depois, quando assisti a uma entrevista de Fernanda Montenegro, percebi que mesmo ela, teve suas próprias dificuldades de adaptação entre o teatro, o cinema e a televisão, com linguagens, mas principalmente, recursos técnicos e posicionamentos das câmeras diferentes. Ortiz menciona o tamanho diminuto dos estúdios, o que impedia a exploração do espaço de “forma cinematográfica”. Os cenários eram improvisados, mas as câmeras também operavam com pouquíssima definição. A pouca qualidade técnica e os recursos exíguos também impossibilitavam a expressão estética dos diretores. A transformação da qualidade mais perceptível vai ocorrer na década de 70, quando se estipula um “padrão de qualidade” a ser copiado e mantido.

Este é o artigo final do livro, escrito em parceria com José Mário. A produção industrial de um formato para o entretenimento é comercializada para vários países, virando o principal produto de exportação de empresas como a Rede Globo, por exemplo. E, ao

apontar a força fundamental do mercado, situa a tensão entre produtores de televisão e críticos de jornais e revistas. Não há busca pela originalidade na produção de telenovela, mas sim busca pelo grande público, pela diversão. E atingir a “massa” requer o uso de recursos de dramaturgia inteligíveis, não complexos.

Analisando as tramas a partir dos folhetins, Ortiz mostra que o reforço dos conteúdos permite que qualquer pessoa, inclusive quem perdeu alguns capítulos, acompanhe a história. A facilidade da trama está em distribuir “de forma inequívoca os atributos sociais e individuais” (ORTIZ, BORELLI, RAMOS, 1989, p.30). O autor menciona que “é como se o universo se estruturasse por antinomias, que nos lembram o sistema de pensamento selvagem dos povos primitivos” (Idem, 1989, p.30). De certa forma, as telenovelas nos aproximam de uma nova realidade da produção da cultura: a indústria cultural. Segundo o autor, são estas produções que vão se tornar “o produto televisivo por excelência”, eu diria, principalmente na América Latina. Ali, nesses textos, Ortiz já aponta e analisa o processo de confecção das telenovelas, considerando a possibilidade de comercialização mundial. Algumas das temáticas precisam ser retrabalhadas para atingir públicos internacionais.

A relação entre as obras citadas funda-se na discussão a respeito da identidade. Em que sentido essa identidade é nacional? Em que sentido está relacionada ao fato do país situar-se na periferia da sociedade moderna? Segundo ele, há elementos muito relevantes



a serem considerados para analisar a modernidade no Brasil. Como já foi mencionado anteriormente, nos seus trabalhos, as permanências e os afastamentos em relação ao projeto moderno são fundamentais para a compreensão do Brasil. Mas, a principal das permanências é a discussão do moderno e, é nesse sentido que sua obra vai discutir a questão da identidade. É possível falar de uma unidade fundamental? Segundo ele, o entendimento do que é a nação é uma obsessão no Brasil e no restante da América Latina. Mas a identidade é uma construção simbólica, portanto, uma representação. Por isso, muitas vezes responde a momentos políticos, ideológicos e sociais. A construção corresponde às várias maneiras pelas quais grupos sociais querem ser representados, dentro ou fora do país. Nessa direção, em *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*, o autor faz um balanço a respeito de vários momentos da construção simbólica.

Como suas preocupações são sempre no sentido de entender não o passado, mas o presente, nos mostra que, muito embora as discussões do passado sejam importantes para embasamento da reflexão, os apontamentos e questionamentos devem centrar-se no momento atual. E hoje, qual é a situação do país? Em *Imagens do Brasil*, Ortiz mostra que a identidade brasileira, hoje, é baseada em elementos da “diversidade” e que, em meio ao processo de globalização, o Estado-nação perdeu sua primazia na definição do que compõe a identidade nacional. Isso permitiu que várias interpretações e representações sobre o país aparecessem. Há inúmeras possibilidades de definição e vários grupos que as

representam e se representam a partir delas. Aliás, essa diversidade a ser considerada aparece no texto constitucional de 1988. Diferentemente de períodos anteriores, que lidaram com a ideia de matrizes culturais formadoras da identidade nacional, esse texto refere-se aos “grupos formadores” da sociedade brasileira. Também afirma que o Poder Público, com a colaboração da comunidade, seria corresponsável pela preservação e conservação do patrimônio nacional.

O autor menciona no artigo que a discussão a respeito da identidade nacional acompanha, de certa forma, as transformações do contexto nacional (2013, p. 619). Em função dos projetos nacionais dos vários governos brasileiros, a questão da identidade era incorporada – quando relevante para incluir grupos que serviam de apoio aos governantes –, e, não poucas vezes, tornava-se elemento básico e definidor do projeto de desenvolvimento do governo. No caso dos governos getulistas, a cultura foi, principalmente durante o Estado Novo, esfera “vital de propaganda política”, segundo Ortiz. Muito embora não tenha sido mencionado por ele, o período democrático de Getúlio Vargas já prenuncia uma preocupação um pouco menos endógena com a cultura. O final da Segunda Guerra Mundial, em 1945, e constituição da Organização das Nações Unidas (ONU), em 1946, marcaram a participação de especialistas brasileiros na discussão a respeito da importância da preservação do patrimônio da humanidade. Trata-se de movimento no sentido da reflexão da cultura para além de fronteiras nacionais. Vários congressos e reuniões de grupos de intelectuais e artistas



foram organizados, no final dos anos 40 e no início dos anos 50, no intuito de debater a respeito do espaço da cultura nacional e das influências vindas de diversas fontes internacionais. Entretanto, o início dos anos 50 foi marcado por várias questões políticas nacionais que dispersaram essas discussões. A partir de 1964, as questões nacionalistas voltaram à ordem do dia. Nesse sentido, os planos de cultura até 1985 foram desenvolvimentistas em relação às estruturas das telecomunicações, mas, retrógrados em relação ao apontamento e consideração da diversidade das fontes da cultura no Brasil.

Ortiz mostra a ineficácia do Estado, nos dias atuais, como aquele que vai elencar os elementos relevantes da identidade a partir do momento em que as influências culturais se diversificam e suas fontes se pulverizam, transcendendo os limites nacionais. Isso tem relação direta com sua concepção enquanto gestor daquilo que está entre as fronteiras de um território geograficamente determinado. Com a internet, por exemplo, essas fronteiras foram superadas em termos das influências. Suas análises levantam a história do processo de globalização – a que ele se refere como “movimento totalizante” (1997) –, no qual a comunicação de massas tem um papel preponderante. Nesse sentido, o autor mostra inúmeros símbolos e significados mundiais.

Em *Imagens do Brasil*, faz um balanço do processo de transformação da constituição da identidade, que deixa de ter uma configuração nacional, tão somente, para um processo que considera

influências transnacionais. Por isso, segundo ele, hoje, percebe-se um país que é capaz de reelaborar as construções simbólicas do nacional, do passado, a partir do que ele chama de memória nacional acessada no presente, com novos e redefinidos significados. Afinal, cultura é isso: algo dinâmico, em permanente construção e desconstrução, algo elaborado e reelaborado por nossas existências, algo que é representado e representa todos nós.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa/ Rio de Janeiro: Difel/ Editora Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1979.

ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ORTIZ, Renato. *Cultura e modernidade*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

ORTIZ, Renato. “Imagens do Brasil”. *Sociedade e Estado*, vol.28 n.3 - setembro/dezembro, 2013.

ORTIZ, Renato. *Um outro território: ensaios sobre a mundialização*. São Paulo: Editora Olho D’Água, 1997.

ORTIZ, Renato; BORELLI, Silvia Helena Simões; RAMOS, José Mário Ortiz. *Telenovela: história e produção*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade: de Coleridge a Orwell*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.